

A PROFECIA DE MIQUÉIAS CONTRA A INJUSTIÇA SOCIAL: UMA HERMENÊUTICA PARA OS NOSSOS DIAS

João Oliveira Ramos Neto

Mestrando em História Comparada – UFRJ

I. Profetismo em Israel e Judá

Profeta, do grego “prophetés”, nas sociedades da Antigüidade, definido de forma reducionista, era a pessoa que tinha a capacidade de prever o futuro. Sicre (1994) aponta que, comumente, o profeta é caracterizado como um homem solitário e de grande inspiração, capaz de fazer previsões futuras.

Entre o povo hebreu, isto é, no antigo reino de Israel, o profeta era aquele que falava em nome da divindade, geralmente com o propósito de um alerta ou de uma correção contra alguma injustiça. A predição do futuro vinha como castigo diante da não correção da injustiça apontada e era dada mediante sonhos, visões ou descrição de acontecimentos sobrenaturais. O Antigo Testamento é composto de livros de autoria dada a estes profetas, bem como, livros que fazem citação destes.

Para Sicre (1994), não é possível definir os profetas com padrões uniformes. É até mesmo difícil tentar fazer uma definição. O autor cita, como exemplo, o fato de que alguns profetas dedicaram, neste ministério, mais tempo que os outros. Também eram diferentes no modo de entrar em contato com a divindade. Enquanto alguns o faziam por visões, outros o faziam por audições, por exemplo. A forma como transmitiam a mensagem também não era uniforme. Alguns a faziam por meio de palavras, outros por gestos, dentre outros exemplos. Também tinham funções diferentes na sociedade. É ainda este autor que informa-nos que os livros dos profetas antigos são os mais difíceis de compreensão do Antigo Testamento, pois

usam linguagem poética e só são possíveis de compreensão através de uma análise das circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas.

No entanto, também para Sicre (1994), há algumas características em comum, capaz de definir quem era o profeta. A primeira, para este autor, é que tratava-se de um homem inspirado, pois tinha consciência de ser porta-voz da divindade. A segunda característica que designava o profeta era de ser um homem público, pois o seu dever de transmitir a palavra da divindade o colocava em contato com os demais. Isto é, o profeta, ao contrário do eremita, não podia se retirar para um lugar isolado, para reflexão, nem ser um homem solitário. Seu lugar, para esse autor, é na praça pública, junto com o povo. A terceira e última característica era que o profeta era um homem ameaçado, pois no reino de Israel antigo, as palavras do profeta nem sempre encontravam eco nos ouvidos da população e acabava por gerar conflito com as camadas dirigentes.

Para Lelièvre, o profeta era aquele que via o que os demais homens não via. Ele via o presente como é realmente e não oculto pelas aparências superficiais: “é este ver em profundidade, este ver, que ultrapassa o acidental e atinge o essencial, que os profetas sentiram como uma visão.” (1980, 123p.). Isto, obviamente, causava-lhe uma tomada de consciência. Por trás do fato comum, o profeta via a causa. O profeta era um homem do passado. Portanto, prever o futuro não estava apenas ligado à metafísica, mas sim, a uma análise crítica da sociedade. Para esse autor, Miquéias teria sido o mais agressivo dos profetas.

II. Miquéias

No Antigo Testamento, encontramos várias personagens com o nome de Miquéias. Comay (1998) cita-nos, além do que pretendemos analisar, outros três, a saber: Um profeta hebreu do tempo do rei Acab, de Samaria (1 Reis 22); Um líder de Judá, que

o rei de Josafá enviou para ensinar a lei (2 Crônicas 17); Um líder de Judá, no reinado de Joaquim (Jeremias 36).

O Miquéias que nos interessa neste trabalho, foi um profeta do antigo reino de Judá, no século VII a.C., período em que a Mesopotâmia era dominada pelo reino Assírio, que Champlin descreve como “a grande potência mundial e a constante ameaça à segurança do povo hebreu” (2000, 3565p.). Conforme Sicre (2002), este período de Miquéias foi o século áureo da profecia em Israel e para Lelièvre (1980), Miquéias estava no período do “surto profético”. No entanto, para Lasor (1999), Miquéias não era um profeta profissional. Conforme Dillard: “o nome Miquéias é comum no Antigo Testamento” (2006, 380p.) e seria uma abreviação do nome “Micaías”, o que podemos constatar com a tradução de Miquéias para o inglês, a saber: “Micah” e significa “Quem pode ser como Javé?”.

Miquéias era natural da cidade de Moressete-Gate, cidade situada a aproximadamente 32 quilômetros a sudeste de Jerusalém, (outros autores afirmam ser 40 quilômetros), cujas palavras se tornaram em um livro canônico do Antigo Testamento.

Ele é o terceiro livro dos “profetas menores”. As versões da Bíblia em Português consideram os 12 últimos livros dos profetas, profecias separadas, e deram este nome de “profetas menores”. A Bíblia hebraica considera estes livros uma única obra profética que se desenrola em 12 partes. O profeta Miquéias também é citado diretamente em outros livros, como Jeremias 26:18 e Eclesiástico 48:10 e indiretamente no Novo Testamento, como Mateus 4:2. Este título, “profetas menores”, refere-se à quantidade dos seus escritos e não à sua importância. Apesar de ser do reino de Judá, as profecias de Miquéias também eram dirigidas aos samaritanos.

O seu livro descreve a apostasia de Judá, que para ele, teria provocado o cativeiro de Israel na Babilônia. Para Sicre (2002), Miquéias era um ancião quando escreveu seus oráculos.

Apesar de provavelmente ter sido contemporâneo de Isaías, (e até obscurecido por ele) ao contrário deste, Miquéias não era um homem que freqüentava a corte e a elite, mas era um homem do campo e do povo. “A voz do Senhor clama à cidade” (Miquéias 6:9). Os estudiosos não concordam com uma data que determine o início e o final do ministério de Miquéias. Conforme o seu próprio livro informa, sua profecia se deu no tempo dos reis Jotão, Acaz e Ezequias, que foram reis de Judá. O que fica evidente no livro de Miquéias são os conflitos entre os pobres moradores e trabalhadores do campo em relação aos latifundiários moradores das grandes cidades. Moressete-Gate, cidade de origem de Miquéias, era uma cidade pobre, rural, em contraste com a cidade de Jerusalém, por exemplo, que era uma próspera capital político-religiosa. Moressete-Gate também era uma cidade de fronteira, de onde era possível observar os movimentos militares estrangeiros. Conforme Champlin (2000), para Miquéias, a fé do povo em Yavé deveria resultar em justiça social. Mas, o mesmo autor também afirma que a descrição que o profeta faz da corrupção reinante, leva a crer que se trata do período do reinado de Acaz, isto é, entre 735 a 715 a.C.

O livro de Miquéias apresenta alguns problemas e pontos interessantes. No capítulo 2, por exemplo, entre os versículos 12 e 13, há uma passagem que, segundo Champlin (2000), os estudiosos apontam como sendo uma interpolação, ou seja, uma inserção posterior. Outros estudiosos afirmam tratar-se de palavras dos “falsos profetas”, os quais desejavam insuflar o povo com palavras de esperança. Ou, até mesmo, uma própria citação que Miquéias faz destes profetas. Estas críticas têm o pressuposto de que este texto tenha sido uma narração pós-exílica e não uma visão do profeta. Champlin (2000) defende que é uma profecia e que foi escrita por

Miquéias antes do acontecimento. Isto não quer dizer necessariamente que se trata de algo metafísico ou sobrenatural, tendo em vista que, como já dissemos, o profeta era aquele que via além da superficialidade e, qualquer estudioso da sociedade que olha os fatos com profundidade e conhece a História, é capaz de fazer algumas deduções.

Outro problema também seria a semelhança da passagem de Miquéias 4:1 a 3 com o livro do profeta Isaías 2:2 a 4. Para Champlin (2000), haveria um escritor anterior que serviu de base para ambos. Já os versículos 10 a 16 do capítulo primeiro, para Dillard (2006) seria uma descrição profética da rota tomada pelo exército de Senaqueribe em marcha para Jerusalém.

Bernhard Stade, entre 1881 e 1884, conforme os autores citados nas referências, foi o primeiro pesquisador que colocou em dúvida a unidade literária do livro de Miquéias, isto é, de que o profeta seria o autor de todo o seu conteúdo. Segundo ele, apenas os três primeiros capítulos do livro seriam de autoria de Miquéias. Os outros teriam sido acrescentados por copistas no período pós-exílico, isto é, depois que os hebreus regressaram do cativeiro babilônico. Sicre nomeia este possível autor posterior de “Dêutero-Miquéias” e seria um “profeta anônimo do reino do norte”. (2000, 727p.) Interessante que Champlin (2000) defende a autoria completa do livro por Miquéias com base na tríplice divisão que o livro faz com a palavra “ouvi”, conforme demonstraremos abaixo. Para Dillard (2000), o profeta não teria proferido todos os oráculos de uma só vez, mas, pelo contrário, o livro teria levado muito tempo para se formar e se tornou em uma antologia das suas profecias.

O livro canônico de Miquéias é dividido em três partes e, estas, por sua vez, se dividem em duas. As três divisões do livro se dão nos versículos de 1:2, 3:1 e 6:1, quando o profeta exorta o povo que ouçam: “ouvi”. Dentro destas divisões, podemos encontrar uma dupla divisão, ou seja, na primeira parte, em nome da divindade que representa, o profeta dá uma palavra de juízo e, na segunda parte, também em

nome da divindade, este mesmo profeta dá uma palavra de esperança. Veja o quadro abaixo.

Divisão	Palavra de juízo	Palavra de esperança
1:2 a 2:13	1:2 a 2:11	2:12 a 13
3:1 a 5:15	3: 1 a 12	4:1 a 5:15
6: 1 a 7:20	6:1 a 7:7	7: 8 a 20

Outros estudiosos, no entanto, apresentam outras opções estruturais. Conforme nos informa House (1998), alguns estudiosos preferem a divisão temática e assim fazem uma tripla divisão do livro do profeta Miquéias, sendo que a primeira parte estende-se do capítulo 1 ao 3, a outra concentra-se no capítulo 4 e a última é entre os capítulos 5 a 7. Outros ainda defendem que o livro possui dois pontos básicos: Do capítulo 1 ao 5 e do capítulo 6 ao 7. Assim, os cinco primeiros capítulos concentram-se nos pecados de toda a terra, enquanto que os dois últimos ressaltam os pecados de Israel.

De qualquer forma, os oráculos de julgamento do livro de Miquéias, em comum para as três divisões, têm os mesmos pontos em comum:

1. Destruição dos lugares e objetos de culto (1: 3 a 7);
2. Devastação política (1: 10 a 16);
3. Julgamento pessoal contra pessoas específicas (2: 3 a 5);
4. Julgamento espiritual (3: 6 a 7);
5. Julgamento socioeconômico (6: 13 a 16);

III. Injustiça Social

A profecia de Miquéias é extremamente relevante para a sociedade brasileira contemporânea, não apenas porque ele posicionou-se contra a entrada da religião dos cananeus em Israel, mas porque ele denunciou uma injustiça social muito próxima da nossa realidade, isto é, a sociedade da desigualdade social e do uso da religião por parte de alguns líderes como forma de se tirar proveito da religiosidade popular para obtenção de recurso material, conforme pretendemos demonstrar neste artigo. No livro canônico de Miquéias, há três abordagens por parte do autor: A primeira é para os dirigentes da nação, que ele chama de “príncipes de Jacó”, a segunda é para os líderes religiosos, isto é, profetas e sacerdotes, e a terceira é para o próprio povo, que estava aceitando a injustiça, ao invés de criticá-la e confrontá-la. Iremos analisar as três neste trabalho.

1. Contra os dirigentes da nação: crítica à desigualdade social

Miquéias foi profeta na época do Rei Ezequias. O reinado deste rei foi um momento de grande prosperidade para Israel, causado, entre outros motivos, pela paz internacional do período. Esta prosperidade fica evidente na passagem bíblica em que o rei Ezequias mostra os seus tesouros para o rei da Babilônia: “E Ezequias lhes deu ouvidos; e lhes mostrou toda a casa de seu tesouro, a prata, o ouro, as especiarias e os melhores unguentos, e a sua casa de armas, e tudo quanto se achou nos seus tesouros;” (2 Reis 20:13). Mas, ao mesmo tempo em que a casa do rei estava tão rica e próspera, a população vivia em grande miséria, devido a concentração de renda e sua respectiva má distribuição. Isto fica evidente na profecia de Miquéias, pois é justamente contra esta injustiça que ele profetiza, dirigindo-se aos dirigentes da nação:

Disse eu: Ouvi, peço-vos, ó chefes de Jacó, e vós, príncipes da casa de Israel; não é a vós que pertence saber o juízo? A vós que odiais o bem, e amais o mal, que

arrancais a pele de cima deles, e a carne de cima dos seus ossos. E que comeis a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmieuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne dentro do caldeirão. (Miquéias 3: 1 a 3).

Da mesma forma, o Brasil, ao mesmo tempo em que é o possuidor do 8º maior PIB do mundo, tem uma concentração de renda muito grande, pois é também o 8º país do mundo em concentração de renda, o que faz com que, mesmo possuindo uma grande soma de riquezas, grande parcela de sua população seja incapaz de atender às suas necessidades básicas.

2. Contra os líderes religiosos: Crítica à mercantilização do sagrado

Contra os líderes religiosos de sua época, Miquéias adverte: “Os seus chefes dão as sentenças por suborno, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro;” (Miquéias 3:11). Miquéias denunciava o fato de que os profetas e sacerdotes proclamavam apenas aquilo que o povo e os dirigentes queriam ouvir, ainda que fosse algo injusto, em troca de manter o seu próprio bem estar de mordomia e de recursos financeiros.

Da mesma forma, as pessoas nos tempos atuais, cada vez mais, buscam serviços religiosos da mesma forma que adquirem produtos em um supermercado, o que deixa transparecer um processo de mercantilização do sagrado. As pessoas estão se sentindo livres de um compromisso com uma determinada tradição e buscando a resolução imediata de problemas espirituais específicos. Ou seja, percebe-se que há um enfraquecimento da religiosidade institucionalizada e o fortalecimento da subjetivização dos sistemas de crenças. É justamente isto que abre espaço para o surgimento de líderes religiosos dispostos a mercantilizarem o sagrado.

O que líderes religiosos praticavam e que Miquéias denunciou, e que acontece na sociedade brasileira contemporânea, encaixa-se no conceito weberiano de

dominação carismática. Isto é, o discurso do líder que se apresenta como sacerdote e, portanto, portador da voz divina, toma um peso muito grande que faz com que os membros dos estamentos desfavorecidos se sintam mal caso não façam aquilo que está sendo recomendado. E, geralmente, esta recomendação está em doações financeiras ou aquisição de seus produtos, acompanhados de promessas de resolução de problemas sociais, tais como a miséria, a pobreza e as doenças. Em outras palavras, a injustiça social do Brasil causa transtornos em grande parte da sua população, tais como doenças e misérias e, como o Estado não oferece resposta para estes problemas, as pessoas passam a buscar na religião. Neste contexto, aparecem os líderes carismáticos que, aproveitando-se da situação, usam o título de sacerdote e proclamam discursos em nome da divindade que representam como promessa de resolução do problema em troca de alguma oferta por parte do fiel, semelhante ao que acontecia no reino de Israel na época do profeta Miquéias. Como dissemos anteriormente, percebe-se uma semelhança no sentido de que a religiosidade deixa de estar ligada à tradição e passa a ser centrada em um princípio de eficiência.

3. Contra o povo: crítica à aquiescência.

“Porque o Senhor tem uma contenda com o seu povo, e com Israel entrará em juízo (...) poderei eu inocentar balanças falsas, com sacos de pesos enganosos?” (Miquéias 6: 2;11). Para Miquéias, diante da injustiça social, ao invés da revolta e da crítica, o povo estava se tornando semelhante aos seus líderes civis e religiosos. Isto é, assim como os líderes se corrompiam, o povo, no seu dia a dia, também estava fraudando no comércio e nas atividades diárias.

O Brasil tem, nos dias atuais, a fama de que tudo se resolve na base do “jeitinho”. Não é raro que a imprensa denuncie casos de suborno e corrupção, não somente entre aqueles que detêm o poder político, mas também, entre aqueles cidadãos desfavorecidos materialmente e de cargos de liderança. Já se tornou lugar comum,

no Brasil contemporâneo, muitas vezes, justificar a corrupção das pessoas dos estamentos pobres com a justificativa que os membros das classes dominantes também agem de forma semelhante. Ao invés da crítica, da intolerância com a injustiça e da organização contrária à corrupção dos dirigentes, entre a população pobre do Brasil cunhou-se a expressão “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão” como que, para justificar, entre outros exemplos, o próprio roubo que os cidadãos fazem ao Estado através da sonegação de impostos.

IV. Considerações finais

Podemos, portanto, perceber, de forma clara, que os problemas atuais do Brasil, tais como a injustiça social por causa da concentração de renda nas mãos de poucas pessoas da classe dominante, como a mercantilização do sagrado por parte dos líderes religiosos, não é algo inédito, mas que ocorre mesmo nas sociedades do Antigo oriente. No entanto, urge a necessidade de questionamento da população, não de se conformar e agir da mesma forma corrupta que os seus dirigentes, mas sim, de questionamento e renovação social.

V. Referências Bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 7ª edição, 1980.

CHAMPLIN, R. N. O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo. São Paulo: Candeia, 2000. Volume 5.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. Miquéias: nosso contemporâneo. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

COMAY, Joan. Quem é quem no Antigo Testamento. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. 380 – 386p.

EICHRODT, Walther. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Hagnos, 1961.



NEARCO – Número I - Ano II – 2009 - ISSN: 1982-8713

HILL, Andrew E. WALTON, John H. Panorama do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. 559 – 565p.

HILLER, Delbert R. A commentary on the book of the prophet Micah. Philadelphia: Fortress Press, 1984.

HOUSE, Paul R. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida, 1998. 441 – 513p.

KUNSTMANN, Walter G. Os profetas menores. Comentário Bíblico. Porto Alegre: Concórdia, 183. 99 a 118p.

LASOR, William S. HUBBARD, David A. BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999. 292 – 298p.

LELIÈVRE, A. MAILLOT, A. Atualidade Miquéias. Um grande “profeta menor”. São Paulo: Paulinas, 1980.

SCHMIDT, Wernerlt. Introdução ao Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 1994. 212 – 215p.

SHREINER, J. Palavra e mensagem do Antigo Testamento. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SICRE, José Luis. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1994. 1991-265p.

_____. Profetismo em Israel. O profeta. Os profetas. A mensagem. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

WALVOORD, John. F. Todas as profecias da Bíblia. São Paulo: Vida, 2000. 260